

**Reportagem:  
Acessível, mas de má qualidade  
Baixa velocidade e deficiência no sinal são principais  
problemas da *internet* popular<sup>1</sup>**

Suelen de Alencar e SILVA<sup>2</sup>  
Maiza Aparecida da SILVA<sup>3</sup>  
Gibran Luis LACHOWSKI<sup>4</sup>  
Lawrenberg A. Da SILVA<sup>5</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

## **RESUMO**

Este *paper* refere-se à elaboração de uma reportagem sobre um assunto local, com enfoque na apuração jornalística, visando externar o desempenho do jornalismo comprometido com o interesse público. O produto – informativo desenvolvido na disciplina “Reportagem e Redação II”, contando com conhecimentos apreendidos em “Fotojornalismo” e “Análise do Discurso”, todas ministradas no 1º semestre de 2012 para a turma do 4º semestre de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus Alto Araguaia. A escolha do assunto da reportagem, o funcionamento de um projeto de acesso gratuito à *internet* em Alto Araguaia, partiu da observação de um dos principais problemas enfrentados pela sociedade local, que padece de falta de informação, e descobriu o descaso do poder público na manutenção do programa.

**Palavras-chave:** reportagem; apuração; responsabilidade social; investigação.

## **INTRODUÇÃO**

As transformações na área jornalística no Brasil foram se adaptando ao crescimento do mundo, com maior observação a partir de 1950 – em razão da forte influência do modelo noticioso estadunidense – e por conta da criação da Lei de Imprensa (5.250, de 09 de fevereiro de 1967)<sup>6</sup>, que buscou regular mais especificamente as relações no meio profissional.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo – Noticiário, Reportagem, Entrevista.

<sup>2</sup> Aluna-líder do grupo e estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: jornalistaalencar@hotmail.com .

<sup>3</sup> Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: maiza.jorn@hotmail.com .

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: prof.gibranluis@gmail.com .

<sup>5</sup> Co-orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: lawrenberg@gmail.com .

<sup>6</sup> A Lei de Imprensa foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal em 30 de abril de 2009 sob o entendimento de que era inconstitucional.

Com a progressão da indústria cultural e dos meios de comunicação, apesar da forte padronização do material jornalístico, profissionais e pesquisadores também passaram a discutir e apontar direções diversas sobre o que vinha a ser o seu conteúdo e quais eram as formas de divulgá-lo.

Nesse sentido é que se deve compreender a importância da informação na contemporaneidade, representada em sua singularidade pelo ato de comunicar, ou, mais amplamente, pelo processo que mantém o contato dos indivíduos com a sociedade e suas instâncias, por meio de diálogos e conflitos, enfim, de um funcionamento interligado.

Nesse contexto é que o jornalismo integra essa complexa teia social, manifestando-se, sobretudo, via meios de comunicação. E o faz com diversos objetivos e funções. Do reforço de preceitos morais ao estímulo à produção de novos paradigmas de comportamento. Da consolidação da função de utilidade pública à valorização de figuras célebres. Do empenho em garantir caráter humano às coberturas ao destaque do que é raro, inesperado, inusitado (ERBOLATO, 2002, p. 60-65).

As múltiplas facetas do jornalismo, no entanto, se baseiam num evidente conjunto de princípios que, se não é unânime, ao menos serve de bússola para o exercício da profissão e corresponde a um parâmetro para discussões. Outra forma de se estabelecer a *práxis* jornalística é perceber que a mesma se divide em formatos, mais conhecidos na literatura específica como gêneros.

Quanto aos princípios do jornalismo, ressalta-se que sua matéria-prima concerne à realidade concreta, partindo daí a noção de notícia, grau de noticiabilidade, critério de noticiabilidade, pré-pauta, pauta, apuração e edição de informações. Tudo calcado na verdade no relato dos fatos, também denominada de veracidade (no sentido de verdade possível a partir do ajuntamento de dados sobre determinado assunto pautado). E daí é, também, que decorrem as noções de objetividade e isenção\imparcialidade, pois como assinala Lage (2004, p. 48), “O importante é que se respeitem os fatos, dos quais não se pode discordar, e se dê ao leitor, com humildade, o direito de avaliá-los segundo seu próprio repertório, seus valores”.

Até mesmo jornalistas e pesquisadores que discordam do ideário de objetividade e isenção\imparcialidade, classificando-os como dispositivos de controle profissional e

alienação social, trabalham sob a realidade factual. O que difere, basicamente, é o nível de engajamento quanto a uma postura, causa ou pensamento.

Kotscho (2003, p. 8), por exemplo, defende que o jornalista deve ser “partidário da sociedade” e atuar profissionalmente com o intuito de “informar para transformar” o espaço sociocultural onde vive. Contudo, ressalta que o jornalismo se vale, principalmente, da lida com a realidade concreta, expressa pelo tempo que o profissional passa fora das redações, “na rua”, em contato com a população.

Essa concepção, chamada de social, conflita com uma perspectiva jornalística comercial, que compreende a notícia enquanto “mera mercadoria”. O embate embaralha a discussão quanto a outro princípio da profissão, a saber, o interesse público. Trata-se da razão de ser do jornalismo, também denominada de “lealdade com a sociedade”, algo maior que o compromisso com o patrão, a categoria, a carreira, os anunciantes e as fontes de informação (MARTINS, 2005, p. 33).

Já no que diz respeito aos gêneros jornalísticos, os autores brasileiros têm algumas discordâncias, que apontam a existência de duas (informativo e opinativo), três (acréscimo do interpretativo) ou quatro modalidades (também o diversional). Defensores da primeira classificação, como Melo (2003, p. 66-67), compreendem o informativo, voltado à coleta e profusão de informações diárias – notícia – e mais aprofundadas – a reportagem – e o opinativo, dirigido à defesa pública de posições, de modo ostensivo ou indireto, via artigo de opinião, editorial, crônica, charge\caricatura, coluna, comentário e resenha e carta do leitor.

Sodré e Ferrari (1986) qualificam a reportagem como jornalismo interpretativo, de um tipo específico, extensivo ao informativo, de maior tamanho, mais detalhado, com enfoque mais amplo, dado a entender ou apresentar uma questão e não um aspecto. “Esta é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso (...) A reportagem constitui, assim, basicamente, um dos gêneros jornalísticos” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 11).

Erbolato (2004, p. 43-44) enxerga no diversional uma nova tipologia, caracterizada pela produção jornalística de entretenimento, com incursões no jornalismo literário, o que Melo enquadraria como informativo e Sodré e Ferrari, uma das nuances do interpretativo.

Este *paper*, se pauta, portanto, a partir desse entendimento teórico, apreendido em sala de aula, no curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia, unidade localizada no sudeste mato-grossense, a cerca de 400 km da capital, Cuiabá, e a aproximadamente 500 km da capital do estado vizinho (Goiás), Goiânia.

Mais especificamente, a reportagem “Acessível, mas de má qualidade: baixa velocidade e deficiência no sinal são principais problemas da *internet* popular” foi fruto de atividades decorrentes da disciplina “Reportagem e Redação II”, ministrada à turma do 4º semestre, no primeiro semestre de 2012. Também houve corroboração do arcabouço teórico e técnicas apreendidas nas disciplinas “Fotojornalismo” e “Análise do Discurso”.

Este *paper* demonstra, então, de que forma se deu a trajetória de construção do material jornalístico, descrevendo sua iniciativa enquanto pauta, desenvolvimento, dificuldades enfrentadas e resultados obtidos de todo o processo, tanto em termos jornalísticos quanto científicos e pedagógicos.

## **OBJETIVO**

O levantamento de dados para o trabalho jornalístico que, posteriormente, recebeu o título “Acessível, mas de má qualidade...” objetivou informar principalmente os cidadãos de Alto Araguaia sobre os serviços prestados pelo projeto “*Internet* popular”, de responsabilidade da prefeitura da cidade.

Também buscou verificar se as reclamações feitas informalmente por usuários do serviço tinham procedência e, se sim, quais eram as explicações e que medidas estariam sendo tomadas para resolver a situação.

Além disso, objetivou levantar dados para apontar possíveis soluções para caso, via indicações de profissional especialista na área tecnológica, dando oportunidade ao leitor de compreender de modo didático o quadro do problema denunciado.

E ainda, desde a concepção do trabalho de reportagem, buscou compreender a cobertura jornalística como forma de aplicar os princípios jornalísticos apreendidos, tais quais o compromisso de informar os fatos, as versões dos lados envolvidos no assunto e os possíveis documentos pertinentes ao projeto, com o intuito de confrontar ou confirmar as informações prestadas pelos entrevistados.

## JUSTIFICATIVA

Esses objetivos partiram da ideia de que o projeto “*Internet popular*” tratava-se de um assunto de interesse público, voltado ao direito fundamental da população de acesso à informação, como está garantido na Constituição Brasileira (no artigo 5º, inciso XIV).

A produção surgiu, portanto, da percepção e da necessidade de se dar publicidade a informações sobre um assunto local, conforme apontamentos informais de cidadãos, que denunciavam a existência de problemas no serviço municipal mencionado.

A cobertura jornalística teve uma justificativa a mais: a falta de divulgação da situação do projeto em tela pelos veículos de comunicação da cidade, que não repercutiam nem verificavam a raiz da insatisfação dos usuários.

Outro motivo pelo qual o assunto foi tema de reportagem refere-se à praticamente inexistência de mídias impressas locais em Alto Araguaia e região, reforçando a importância do uso da *internet* como fonte de acesso à informação. A cidade não possui jornal ou informativo diário.

Portanto, a reportagem tornou-se necessária tanto pelo assunto quanto pela dimensão da problemática envolvendo o serviço, vez que o trabalho jornalístico é, também, uma reflexão ética dos valores sociais.

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A criação do material jornalístico tema deste *paper* se construiu a partir do conceito de reportagem, conexo ao gênero interpretativo. Trata-se de um formato que permite ao jornalista desenvolver apuração e pesquisa mais aprofundadas, podendo ser inclusive denominado de “reportagem investigativa”, flertando com Sherlock Holmes (personagem de ficção literária de Arthur Conan Doyle), que precisava identificar pistas para provar suas hipóteses, pois que “O repórter também deve reverência aos mecanismos de exame, apuração, investigação dos fatos e de todos os detalhes que possam compor uma narrativa, uma história que merece ser contada” (GUIRADO, 2004, p. 63).

Para a cobertura jornalística sobre o projeto de *internet* popular de Alto Araguaia empregou-se o processo de entrevistas e a busca por documentos para confirmação ou confronto de versões fornecidas por usuários do serviço, técnicos e especialistas no assunto e autoridades municipais. Por meio desses procedimentos se percebeu a importância da procura e da valorização de uma fonte de informação, aprendendo na prática que as oficiais nem sempre dispõem de dados completos e/ou confiáveis. Afinal, o ofício de decifrar elementos da realidade subentende entender que “O repórter corre sério risco de se tornar vítima de manipulação” (DIMENSTEIN, 1990, p. 35).

A busca por documentos possibilitou ultrapassar a linha de supervalorização dos depoimentos (jornalismo declaratório). Tornou as entrevistas mais incisivas e questionadoras na medida em que se identificavam desvios de entrevistados e incoerências em parcela de suas respostas. Daí se ressaltar que nas reportagens “a melhor saída é municiar-se de documentos – eles não precisam ser publicados, mas serão o escudo do repórter em caso de investidas dos envolvidos em irregularidades” (DIMENSTEIN, 1990, p. 50).

Por conta do constante clima de tensão envolvendo denúncias públicas é que a reportagem valorizou a etapa de apuração das informações. Desse modo teve condições de assegurar o sustentáculo necessário para se veicular o material, vez que “o jornalista é aquele que vai em busca de uma única exclusiva ‘verdade’, sem fechar os olhos e o espírito para todos os aspectos do fato” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p.72-73).

Para trabalhar as imagens, recorreu-se à disciplina “Fotojornalismo”. O uso de técnicas fotográficas serviu para realçar o assunto, com a exposição de nuances e envolvidos, estabelecendo explícita ligação entre repórter fotográfico e texto, levando em conta que “A fotografia é uma operação instantânea que exprime o mundo em termos visuais, tanto como intelectuais, sendo também uma procura, uma interrogação constante” (CARTIER-BRESSON, 2010).

As fotografias não foram modificadas ou restauradas posteriormente, garantindo fidelidade ao aprendizado da disciplina, no que tange a angulações, planos e dimensões. Foi uma forma de exercitar o que recomenda o inciso V do artigo 12 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de 2007, sobre a rejeição de mecanismos que deturpem as imagens coletadas.

Também se contou com o auxílio da disciplina “Análise do Discurso”, que estimulou a valorização de dispositivos de observação na produção da reportagem, pois que se percebe o mundo, de modo geral, por meio de sensações, que traduzidas realizam conexões com o todo ou uma específica realidade (PEIRCE, 1977, p. 22).

## DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

### 5.1 Produto

Trata-se de uma reportagem com viés investigativo. Foi desenvolvida pensando no meio impresso, no entanto devido a problemas financeiros e em razão de a universidade não ter um periódico (jornal-mural), a reportagem teve que ser publicada no *blog* da Agência Junior de Jornalismo da Unemat, “Focagem”, divulgadas em partes. Algumas foram editadas para que se adequassem ao jornalismo *online*, por se tratar de um formato diferente do impresso.

Registra-se que o trabalho foi premiado com o primeiro lugar na categoria reportagem do concurso Depcom – que fez parte da programação do VII Simpósio de Jornalismo da Unemat\Alto Araguaia –, evento que serviu enquanto espécie de seletiva para o Expocom Regional, em Rio Verde. A seguir os *links* da reportagem: <http://focagen.wordpress.com/2012/07/24/internet-popular-em-alto-araguaia-baixa-velocidade-deficiencia-no-sinal-e-falta-de-prazo-para-solucao/>,  
<http://focagen.wordpress.com/2012/07/24/tecnico-da-dicas-sobre-acesso-a-internet/>.

### 5.2 Processo

Decidida a criação do informativo, partiu-se para a captação de assuntos e as pautas. Essa busca deu-se por meio da observação pelas ruas da cidade, informações em *off*, de bastidores, com foco em problemas sociais denunciados pelos moradores.

Definidas as pautas, a turma foi dividida em duplas para a apuração das reportagens. O processo de coleta de informações se deu por meio de entrevistas junto à comunidade – que reclamou do serviço de *internet* gratuita –, a técnicos e especialistas – que corroboraram para esclarecer o assunto – e à prefeitura – que reconheceu a má qualidade do projeto, mas buscou amenizar o problema.

Na cobertura identificou-se desequilíbrio no repasse de informações entre moradores e administração municipal, sobretudo. Os primeiros reclamando da

distribuição de sinal da *internet* popular e a outra parte negando a existência de falhas. Situação que ilustra a ponderação de Morin (1986, p. 41) sobre o que se entende por informação relevante: “Um fato portador de informações é um fato que, ou põe um termo em dúvida, ou traz algo de novo, isto é, uma surpresa”.

Portanto, ao entender esse desequilíbrio a evolução da apuração passou de um estágio factual para uma fase investigativa. Por se tratar de um assunto de interesse da sociedade, a busca pelas informações deixou a mera coleta de declarações para a procura e consequente compreensão de documentos – edições do Diário Oficial da União, contrato de serviço de empresa telefônica (OI) com a prefeitura –, realização de entrevistas mais densas e verificação de dados repassados inicialmente de forma errada.

Percebeu-se que algumas fontes informavam erroneamente, por equívoco ou com intencionalidade. Além disso, o fato de a cobertura ser feita por duas universitárias – e não duas profissionais – foi um desafio porque parcela dos entrevistados não reconhecia legitimidade na abordagem acadêmico-jornalística.

Independentemente de haver ou não interesse em se desviar o assunto, de se dar mais ou menos crédito às coletoras de dados, é voz corrente entre jornalistas mais experientes que fontes de informação inúmeras vezes atuam para evitar que a cobertura resulte em confirmação de denúncia ou situação comprometedoras para autoridades públicas (KOTSCHO, 1990).

Também é comum se ouvir de jornalistas e pesquisadores da área que cada vez menos a reportagem tem espaço em veículos midiáticos. Isso ocorre dado o empenho em destacar o jornalismo informativo de viés imediatista e de incessante atualização virtual de dados. Há décadas essa constatação é apontada, revelando a má vontade dos empreendimentos de mídia em investir recursos no aprofundamento dos relatos noticiosos: “Empresas jornalísticas frequentemente resistem à ideia de deslocar um profissional do trabalho rotineiro para um processo de investigação. Preocupação inicial de quem se lança a uma pesquisa mais extensa é, sem dúvida, como financiá-la” (KOSCHO, 1990, p. 134).

Não obstante à maior necessidade de estrutura de trabalho para o desenvolvimento da reportagem, em relação à produção de notícia, a dupla de estudantes autora deste *paper*, assim como os demais alunos da turma, utilizou blocos de papel, canetas, lápis, câmeras fotográficas, gravadores, telefones, computadores com

acesso à *internet* e veículos todos próprios, denotando comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem e o respeito ao interesse público.

Por fim, os textos da reportagem e as fotografias, assim como no cotidiano das redações profissionais, passaram pela edição (correção gramatical, observação quanto à linguagem jornalística, checagem de dados, titulação, seleção de imagens) e a diagramação (feita no programa *Adobe InDesign*) para depois serem publicados. Buscou-se dar a eles um caráter vinculado à isenção e ao compromisso com o repasse da realidade concreta, como ensina Martins (1997, p. 8): “Não exponha opiniões, mas fatos para que o leitor tire deles as próprias conclusões”.

## CONSIDERAÇÕES

Considerando as concepções jornalísticas, a reportagem “Acessível, mas de má qualidade...” buscou ressaltar o valor social da produção noticiosa como um todo, do direito à informação, do jornalismo-denúncia e da investigação jornalística e funcionou como demonstração de um processo de ensino-aprendizagem que valoriza a consonância entre dimensão acadêmico-pedagógica e jornalístico-profissional.

O trabalho desenvolvido contribuiu para o incentivo aos alunos para a produção mais detalhada da informação, a fim de que não se estagne no factual. A produção da reportagem proporcionou à dupla de universitárias autoras deste *paper* uma positiva incursão no que diz respeito ao experimental do trabalho jornalístico investigativo.

Registra-se, também, a importância dos desafios enfrentados na realização do produto interpretativo: a condição de estudantes como titulares da elaboração de uma reportagem com tom de denúncia; a percepção de que havia um confronto entre versões de entrevistados; a necessidade de se buscar um mecanismo que retirasse da cobertura o mero caráter declaratório (uso de documentos); a capacidade de utilizar os documentos de modo a questionar respostas tidas inicialmente por errôneas ou imprecisas.

Observa-se, ainda, que o aprendizado possível com a experiência relatada neste *paper* foi completado pelo fato de que a pauta questionava instâncias de poder reconhecidas em Alto Araguaia, contribuindo localmente para desfazer o labirinto do relacionamento entre a imprensa e a estrutura político-administrativa. Decerto as informações obtidas, as pesquisas realizadas, as leituras efetuadas, as técnicas utilizadas e os erros cometidos servirão como bagagem para futuras atividades jornalísticas.

Atividades que levem em conta que informar, indagar, averiguar, comprovar, esclarecer e, por fim, auxiliar a comunidade são os principais objetivos para o exercício deste gênero jornalístico – a reportagem –, que nada mais é, quando voltado à vertente investigativa, do que desenvolver o jornalismo associado à responsabilidade social.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CARTIER-BRESSON, H. A poesia de Cartier Bresson. São Paulo, **Folha Online**, 17 abr. 1970. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_17mai00.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_17mai00.htm)> . Acesso em: 18 de abr. 2012.
- CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Vitória: Fenaj, 2007.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.
- DIMENSTEIN, G.; KOTSCHO, R. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990.
- ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo** – redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2002.
- GUIRADO, M. C.. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. 4. ed – São Paulo: Ática, 2007.
- LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 8. ed. – São Paulo: Ática, 2004.
- MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo** – o Estado de São Paulo. São Paulo: Moderna, 1997.
- MARTINS, F. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MELO, J. M. . **Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- PEIRCE, C. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.